



## A Guerra Cambial

José da Silveira Filho

O ano de 2010 coroou uma expressão diferente em economia. A guerra cambial passou a ser mencionada como acontecimento de especial atenção. O termo é alarmante: guerra. O dizer revela a gravidade de certa situação que, pelas reações dos contendores, conforme a iniciativa que tomam um frente ao outro para se defender e atacar um problema em comum parece uma guerra. Em verdade, o que sucede é profundo e intenso desequilíbrio na economia dos países da matriz do capitalismo, em particular os EUA, que repercute sobre as demais economias, colocando-as numa situação ainda mais constrangedora em que a ultrapassagem da crise parece ser ainda mais difícil e distante. E mesmo o cidadão comum, ao perceber no ar esta confusão, não dimensiona em que medida é atingido. Mal desconfia que essa questão terá repercussão inclusive em seu sobreviver cotidiano.

Em primeiro lugar é tentar encontrar o fio da meada. Ele está na crise financeira dos EUA que se tornou inegável e avassaladora a partir da quebra do mega banco de investimentos Lehman Brothers. É o marco. Dali para adiante, notabilizaram-se os esforços para deter a crise, principalmente provendo os bancos com dinheiro para não ficarem sem crédito a fim de atender as pessoas e empresas. A economia estadunidense, mais do que qualquer outra, é movida a crédito e fazer com que este falte é interromper o processo de circulação de mercadorias. A crise que evidenciava traços nítidos de recessão poderia saltar num estalo de dedos, por uma decisão equivocada, ao estado de depressão duradoura, com incalculável desemprego e consequentes mazelas sociais.

O contraditório desse tema era que a causa da crise financeira era justamente o motivo de proporcionar o crescimento econômico mais robusto que durou mais de uma década. As irresponsabilidades na concessão de crédito pessoal, oferecendo como garantia a própria residência do tomador, sendo esta também adquirida via empréstimo, contribuiu para gerar um ambiente especulativo favorável ao financiamento artificial do consumo. E o consumo é o motor da economia. Como esta faculdade de financiamento fora descartada pelos péssimos efeitos engendrados, a economia tendia ao desemprego e à convivência permanente com a recessão em face da estagnação do consumo interno.

Nesse ponto, a economia dos EUA desperta para a relevância da balança comercial como fator impulsor do crescimento e da geração de emprego. Todavia, o déficit comercial tem rondado os EUA há sucessivos decênios. Somente no ano de 2009, ele importou 1,945 trilhões de dólares e exportou 1,570 trilhões de dólares. O déficit comercial resulta em 375 bilhões. Em termos comparativos, o PIB brasileiro alcança 1,577 trilhões de dólares. Não requer raciocínio mirabolante perceber que somente em compras do exterior, a primeira economia do mundo compra o Brasil inteiro em mercadorias e serviços no exercício de um ano. Por esta razão afirma-se que os EUA são a locomotiva planetária. Se esta economia cresce com vigor, implica em compras do mundo inteiro. A

questão é que o crescimento está sendo focalizado no desempenho comercial bem mais do que no consumo interno, agora desfalcao do financiamento livre e desimpedido como usualmente sucedia. Os EUA necessitam vender ao máximo e comprar o menos possível do restante do mundo.

Para atingir esse objetivo, de escapar pelo comércio exterior, há uma pedra no meio do caminho: o preço do dólar. A moeda, para além de ser um papel pintado, com um carimbo de dado valor estampado, é um medidor da produtividade de uma economia. Quanto mais esta cresce, significa que a capacidade de trabalho das pessoas pode se traduzir aos poucos numa compra maior de mercadorias e serviços para lhes satisfazer as necessidades. A dificuldade é que a maior economia do mundo, por vários motivos, não consegue se expandir mais como antigamente e, somente por isso, constitui um fator de desvalorização de sua própria moeda frente as demais. A cotação em declínio seria um indicativo espontâneo de funcionamento da atividade econômica em decadência. Entretanto, determinados fatos podem agravar esta tendência de baixa, acelerando o movimento e interferindo sensivelmente na economia dos demais países como um corpo estranho ainda mais perturbador de situações por si já bem apertadas.

A maneira da economia estadunidense procurar uma saída para a crise ou um subterfúgio para ganhar tempo foi mediante a intervenção estatal liberando crédito para o sistema bancário. O que é preciso salientar é que esta intervenção se fez com a ampliação da dívida pública. Foi uma dívida privada bancada com dívida pública, transportada para o longo prazo. Numa simulação, se a quantidade de mercadorias é de 100 unidades e o dinheiro circulante é de 800 dólares, o valor da moeda é 8 dólares por mercadoria. Caso o volume de dinheiro aumente para 1000 e permaneça a mesma quantidade de 100 unidades, o valor unitário por mercadoria é de 10 dólares a peça. A moeda desvalorizou em 25%. Quando se exportam as mercadorias, ganha-se no primeiro momento 8 dólares por peça e, depois, com a desvalorização, 10 dólares. Para quem importa, antes se gastava 8 dólares para comprar e, posteriormente, despendia-se 10 dólares. Para o mundo, o maior comprador planetário vai diminuir suas aquisições e baratear suas vendas. Se os EUA adquirem um Brasil por ano, isto caminha para se reduzir e ele vai querer vender mais de um Brasil por ano ao mundo. É uma aritmética em que compras e vendas se correspondem e estas contas se fecham universalmente. O planeta se tornou um só. É como se a economia tivesse se transformado em apenas uma, uma economia internacional de braços entrelaçados. A engrenagem mais importante é a estadunidense e se ela entra em baixa, pode levar as demais junto com ela.

Nesse teatro em que as economias submersas em crise, e aí não escapam as europeias, desejam todas exportar o máximo e importar o menos possível, com esse mesmo denominador comum, porque todas praticaram como os Estados Unidos, cobrindo dívida privada com dívida pública, há também outra pedra no meio do caminho de todos: o yuan, a moeda chinesa. A China vem numa trajetória de crescimento econômico extraordinário desde 1978. A média supera os 10% ao ano. Isto quer dizer que, em 2010, portanto, 32 anos depois, seguramente a moeda chinesa deveria ser a de maior apreciação no planeta. Foi a produtividade que mais cresceu batendo recordes um após o outro. Deveria ser muito provavelmente a moeda mais valorizada de todas. Pelo contrário, são requisitados 6,63 yuans para comprar 1 dólar. Talvez devesse ser verdadeiro a recíproca. Quer dizer, 6,63 dólares seriam necessários para comprar 1 yuan. Com tal cotação seria bem provável que a China não conseguiria vender sequer agulhas por esse mundo de Cristo Jesus. E a presente cotação de 6,63 yuans por 1 dólar, a China mantém ferreamente sem vacilar. Com esse escudo protetor, a economia chinesa avança sobre as nações despejando mercadorias muito baratas, capazes de quebrar indústrias e liquidar emprego se não se tomar os devidos cuidados.

Por conseguinte, há dois efeitos perniciosos planetários: o dólar em processo de baixa e o

yuan artificialmente baixo. Os dois se reúnem para avançar sobre as economias e só quem pode ganhar é o Coisa Ruim no Inferno. Além disso, os Estados Unidos mantêm sua taxa básica de empréstimo – a Prime Rate – no máximo em 0,25% ao ano. A taxa básica de compra de títulos públicos no Brasil anda na órbita de 10,75% ao ano. Pode-se emprestar lá para aplicar aqui. Somente um movimento financeiro desta natureza, patrocinado até pelos próprios bancos comerciais nacionais e internacionais, não importa a nacionalidade, todos são capital e capital não tem pátria, abarrotaria o Banco Central com dólares. E isso faria com que o dólar prosseguisse em queda. E, recentemente, quando os Estados Unidos recompraram 600 bilhões de dólares em títulos dele mesmo, isso colocou a mesma quantia em dinheiro emitido nas mãos dos bancos comerciais dos EUA. Entretanto, a produção de mercadorias e serviços não aumentou para cobrir essa quantia. Quer dizer que o dólar se desvalorizou tornando-se uma moeda cada vez mais enfraquecida com menor poder de compra que, num espaço de tempo mais abreviado do que se imagina, vai começar a ser preterido como padrão de valor internacional.

A chamada guerra cambial seria deflagrada se as economias afetadas optassem pela desvalorização de suas moedas acompanhando o dólar, adotando câmbio fixo, que se moveria conforme as direções apontadas por ele. Seria o agravamento do comércio mundial, pois todos os países utilizariam o mesmo instrumento de desvalorização, os empregos não voltariam e inviabilizaria o comércio internacional como alternativa para vencer poderosa e persistente crise financeira somente, por enquanto, superada pela Crise de 1929.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.